



Companhias de Reis de Ribeirão Preto  
relatos de devoção e fé



Foto - Grupo Amigos da Fotografia

Artur César Ferreira de Barros

Carmem Luiza de Rezende

Fundação Instituto do Livro de Ribeirão Preto - 2011

# Companhias de Reis de Ribeirão Preto relatos de devoção e fé



Capa - Foto Grupo Amigos da Fotografia

## **Sobre os pesquisadores**

### **Artur César Ferreira de Barros**

Historiador, atuando na área de oralidade e especialista em História, Cultura e Sociedade. A partir de 1981 trabalhou em vários veículos de comunicação em Ribeirão Preto, como produtor e documentarista. Autor do documentário produzido na ilha de Cuba com o título: Os novos Rumos da Ilha de Fidel. Pesquisador do Museu da Imagem e do Som da Secretaria da Cultura de Ribeirão Preto na área de preservação da memória, com a produção de diversos vídeos documentários.

### **Carmem Luiza de Rezende**

Nasceu na fazenda Rio Grande, no município de Cássia, Minas Gerais, onde desde a infância conviveu com as manifestações religiosas e populares. Turismóloga, Funcionária Pública, função em que prestou serviços durante mais de vinte anos, coordenando o “Encontro das Folias de Reis”, a “Romaria de Nossa Senhora”, o “Presépio Vivo” e a “Caminhada do Calvário”. Idealizadora do Grupo de Artesãos “Minha Terra”, que desenvolve trabalhos temáticos sustentáveis, promovendo o resgate da História de Ribeirão Preto através da arte popular.



Foto - Grupo Amigos da Fotografia

# APRESENTAÇÃO

Música, dança e arte. Costumes, tradições e hereditariedade. As Companhias de Reis em todo o Brasil resistem ao tempo, reproduzindo-se dentro das próprias famílias. De pai para filho esta manifestação cultural mantém-se viva. Sobreviveu ao êxodo rural e mesmo nos centros urbanos se faz presente no cotidiano de quem destina aos três Reis Magos devoção e fé.

Em Ribeirão Preto não é diferente. Um encontro anual, realizado pela Prefeitura Municipal e a comunidade, sempre no último final de semana de janeiro, contribui para a difusão deste movimento artístico tão significativo da cultura nacional.

Este quinto volume da Coleção Identidades Culturais tem como meta relatar o trabalho das companhias locais e de certa forma, homenagear seus integrantes, mestres de saberes que remontam a um tempo passado.

Com base nas contribuições de Carmem Luiza de Rezende, agente cultural de grande expressão na cidade e organizadora do encontro durante muitos anos como integrante da equipe da Secretaria da Cultura e das pesquisas de campo, do historiador Artur César Ferreira de Barros, membro da equipe do MIS - Museu da Imagem e do Som, esta obra garante o registro de um tempo e permite, a partir da memória oral, a participação histórica daqueles que tão encantadamente fazem da nossa cultura uma referência.

Adriana Silva  
Secretária da Cultura









Quando fui convidado a participar como pesquisador da quinta edição da série Identidades Culturais da Secretaria da Cultura, com o tema Santos Reis, ao lado de Carmem Rezende, foi como se eu me transportasse ao passado.

Esse rico universo da tradição popular proporcionou-me a oportunidade de recuperar para os dias atuais as experiências culturais, sociais e

Alberico da Costa Barros (à esquerda) em festa de Reis, ao lado da bandeira de sua Companhia -1968.

Foto: Joster Barbosa

Acervo particular: família Costa Barros

religiosas de outras épocas, através da Historia Oral.

Meu bisavô, Sebastião da Costa Barros, de descendência portuguesa, e natural do Vale do Paraíba - Fluminense, migrou para o norte do Estado de São Paulo ao final do século XIX. Casou-se com uma negra liberta de nome Bernardina, legando a ela o sobrenome ibérico: Costa Barros.

Sebastião trouxe com ele a tradição da Folia de Reis, que herdou de seus antepassados portugueses. Tradição essa que foi passada para meu avô Alberico da Costa Barros, comerciante e político do antigo PTB de Vargas, na cidade de Sales Oliveira. Na Companhia, Alberico era o embaixador dos Santos Reis, ao lado de Benedito Bento.

Recordo, ainda criança, ao final dos anos 1960, quando a bandeira de Reis desfilava de casa em casa, na rua de paralelepípedo da Nélio Guimarães e pela rua das Árvores, próxima à Igreja de Santa Rita de Cássia, na cidade de Sales Oliveira. Era a mesma bandeira que um dia foi carregada pelos foliões da Companhia de meu bisavô Sebastião, em estradas de terra batida, cantando trovas para agricultores humildes, trabalhadores das fazendas de café na região da Franca do Imperador.

A tradição não foi seguida pelas gerações seguintes, e a bandeira da Companhia dos Costa Barros ficou perdida na poeira do passado. Isso me fez lembrar a lenda do Sebastianismo português, em que Dom Sebastião I teria morrido em uma batalha contra os mouros e seu corpo jamais fora encontrado. Assim como a bandeira da Casa de Avis, empunhada por Dom Sebastião I desapareceu em algum lugar da história, em nome do cristianismo, a bandeira do outro Sebastião, ainda povoa os corações e mentes da família Barros. na esperança que um dia ela voltará de novo.

Artur César Ferreira de Barros

# Ribeirão Preto e sua história

Ribeirão Preto situa-se no nordeste do estado de São Paulo, a 313 km da capital. Pólo regional de desenvolvimento, exerce influência num raio de aproximadamente duzentos quilômetros do município, onde situam-se algumas das principais cidades do interior de São Paulo e de Minas Gerais.

Essas informações servem para ilustrar a boa localização do município, que ainda possui a vantagem de situar-se no caminho que liga a grande São Paulo à região central do país, com destaque para Brasília, a 706 km. Localiza-se relativamente próxima dos principais pólos econômicos do interior de São Paulo e do triângulo mineiro.

Poucas cidades do Brasil tiveram o crescimento tão rápido quanto Ribeirão Preto, que iniciou seu processo de desenvolvimento com as grandes fazendas de café, ainda no período escravista. Outras cidades da região, ainda que mais antigas, não conseguiram o mesmo progresso.

Com base em trabalhos como o de José Antonio Lages, que aprofundou-se na pesquisa sobre a formação do município e o de Luciana Suarez Galvão Pinto, que pesquisou a dinâmica da economia cafeeira, é possível afirmar que o povoado surgiu em meados no século XVIII, quando entrantes instalaram-se por aqui de passagem, mas somente um século depois a região foi colonizada por fazendeiros, na sua grande maioria, imigrantes mineiros que chegaram tocando boiadas das margens do Rio Grande. Sem nenhum planejamento, formou-se uma pequena vila de colonos que vinham para

trabalhar temporariamente nessas fazendas

A localidade era o subdistrito de São Simão. Como essa cidade ficava muito distante e pela dificuldade de locomoção, os fazendeiros tomaram uma atitude estratégica de construir uma vila autônoma. O café começava a aparecer timidamente e os mineiros chegavam à região. Politicamente, esses fazendeiros queriam ter mais forças perante a província de São Paulo e para isso, foi preciso pelo menos morar em um arraial, depois transformado em vila e cidade.

Isso fez com que esses homens doassem 140 hectares para o patrimônio de São Sebastião, escolhido como padroeiro da cidade, entre os Córregos do Retiro e Ribeirão Preto.

José Mateus dos Reis foi o primeiro a doar parte de suas terras para a construção da igreja. Outros seguiram seu exemplo. A fundação oficial do povoado de São Sebastião do Ribeirão Preto aconteceu em 19 de junho de 1856, quando a cidade foi demarcada pela iniciativa da igreja, que estipulou um mínimo de doações. Para manter uma paróquia em um determinado local precisava de foro, que simplificada é o pagamento de um imposto para se fixar na terra, e era pago anualmente de acordo com a área que aquelas pessoas ocupavam naquele patrimônio. Aceita a doação, formou-se o patrimônio. A Igreja então mandou um fabriqueiro, espécie de procurador, que demarcou a área em 1856. Em 1870, a construção da capela estava pronta, no local próximo a Praça XV de Novembro. Na época, o que se formou com essas glebas de terra, chamava-se patrimônio religioso, pois, antes da Proclamação da República a igreja era responsável pela expedição de atestados de nascimento, óbito, casamento e registro civil. Essa responsabilidade, na República, passou para o Estado.

A área demarcada na ocasião era a Praça XV de Novembro. Na época, a praça, que se chamava largo da matriz, tinha apenas quatro quadras e incluía o local onde hoje é a Praça Carlos Gomes; seis travessas transversais ao que corresponde hoje às ruas Amador Bueno, Álvares Cabral, Tibiriçá, Visconde de Inhaúma, Barão da Amazonas e Cerqueira Cesar. Por dois anos, a partir de 1879, a cidade chamou-se Entre Rios, por ficar entre o rio Pardo e o rio Mogi Guaçu. Em 1881, os moradores conseguiram que fosse restabelecida a primeira denominação: Ribeirão Preto.

Apesar da crise de 1929, Ribeirão Preto não ficou estagnada como outras cidades. A monocultura do café foi substituída por uma agricultura diversificada: cana de açúcar, algodão, feijão e milho. Enquanto a agricultura garantia auto-suficiência e fixava o homem à terra, o comércio crescia e surgiam novas indústrias.

## Da formação ao perfil de cidade de turismo

É importante observar que na história de Ribeirão Preto destacam-se como atividade econômica o comércio e a prestação de serviços, complementando que a cidade é hospitaleira e que os turistas são sempre bem-vindos. Nesse sentido convém lembrar as palavras de Andrade (2002, p.95):

O turista, como qualquer outra pessoa, exerce a ambivalente e concomitante função de agente aculturador e de elemento suscetível de sensibili-

zação por culturas outras que a sua própria. Assim, pelo próprio desejo ou necessidade de participar de ambiente e sociedade diferentes dos que lhe são próprios, ele se dispõe a interferir e a integrar-se em um processo cultural, como elemento ativo e passivo de influência. Ao desejo e a necessidade de transferência cultural, chamamos de motivação cultural. A simples presença de turista em núcleo receptivo desencadeia um processo dinâmico e irreversível, cujas conseqüências e o caráter da imprevisibilidade, pois as diferentes culturas, a do turista e a do núcleo, podem se completar ou se repudiar.

O autor ainda fala da relevância ao turismo cultural e o considera típico. Pois efetua de maneira diversa dos demais tipos de turismo, que geralmente se caracterizam pela permanência da preocupação e das atividades que se traduzem em lazer, repouso e descompromisso. (ANDRADE, 2002.p.71)

É inerente ao homem a vontade de aprender sempre mais a respeito de um número sempre maior de ideias e fatos, tanto por necessidade nata de acrescentar conhecimentos, como de desvendar os hábitos e costumes de outras regiões. Ribeirão Preto é bastante representativa em suas manifestações de cultura popular, e para que a riqueza de sua arte e a relevância de seus conteúdos sejam preservados e perpetuados, é imprescindível a divulgação destas festas folclóricas em que a presença do turista vem contribuir para somar emoções, arte, criatividade, informação e conhecimento.

É importante ainda acrescentar que Ribeirão Preto cultua o turismo religioso e acredita-se que essa característica advém principalmente da proximidade do município com o Estado de Minas Gerais, cujas manifestações populares religiosas são muito presentes entre os mineiros.

Para que o turismo possa ser devidamente compreendido, é indispensável buscar na literatura subsídios que auxiliem na exploração dessa temática, lembrando também a necessidade de alguma abordagem no que se refere à cultura, ao folclore e as manifestações religiosas da cidade de Ribeirão Preto.

## Turismo cultural e preservação do patrimônio

Segundo Choay (2001, p. 11) a palavra patrimônio estava na sua origem, ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável enraizada no tempo e no espaço.” Não havia, ainda, portanto, qualquer significado nacionalista em relação ao patrimônio existente. Somente no século XVIII, o poder público francês estendeu o significado de patrimônio para todos os monumentos de valor histórico. Dessa forma, era considerado patrimônio os bens relacionados aos grandes feitos históricos ou, então, aos bens pertencentes à alta sociedade.

Barretto (2000, p. 9), afirma que a palavra patrimônio tem vários significados. Segundo ele, o mais comum é o conjunto de bens que uma pessoa ou entidade possuem. Existem dois tipos de patrimônio: o natural, relativo ao que existe no solo e no subsolo; e o cultural, que se refere à produção humana e o cultural pode ainda ser dividido em material e imaterial.

Os saberes dos foliões de Reis enquanto uma atividade tradicional e de identidade popular, está entre os bens culturais imateriais. Apresenta-se como uma celebração e cultura costumes que transcendem às gerações. Em muitas



localidades, e em Ribeirão Preto não é diferente, festas culturais se mostram como excelentes atrativos turísticos.

Retomando ao significado de patrimônio histórico-cultural, faz-se necessário retornar à França do Século XVIII. Não se pretende, com isso, determinar que a França tenha sido o único país a possuir um patrimônio nacional e a se preocupar com a preservação deste. Entretanto, foi com a integridade das edificações que novos conceitos surgiram, tais como, a criação do monumento, estendendo-se por toda a Europa, chegando-se inclusive ao Brasil.

No entendimento de Choay, a origem da palavra monumento:

(...) é do latim monumentum, que por sua vez deriva de monere ('advertir, lembrar), aquilo que traz à lembrança alguma coisa (...) Tudo que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar, ou fazer que pessoas de outras gerações rememorem acontecimentos, sacrifícios, mitos ou crenças (CHOAY, 2001, p. 17).

Nosso destaque ao esclarecimento do significado do termo patrimônio histórico-cultural, que é muito recente, sendo derivado de outras conceituações que vem se estruturando ao longo do tempo, como patrimônio histórico, patrimônio material, patrimônio imaterial, por exemplo, se dá a partir da afirmação de que a arte das companhias de Reis precisam ser preservadas como patrimônio cultural.

A preservação do patrimônio histórico-cultural é o reflexo do momento histórico que cada comunidade vive, cabendo assim determinar aquilo que é de importância para ser lembrado e a ser transmitido às futuras gerações.

Essa escolha não é tão simples, bastando observar acontecimentos do passado como a Queda da Bastilha, ocorrida na França, em 1789, ou recentemente, em março de 2001, a destruição de duas imagens gigantes de Buda, no Afeganistão, provocada pelo Taliban. Seja qual for o motivo, ideológico, religioso ou estético, essa destruição provoca danos irreversíveis não apenas à localidade, mas priva toda a humanidade de conhecer ou rever símbolos marcantes da cultura desses povos. No caso dos bens imateriais como as celebrações, ao não mais realizá-las, as perdas se assemelham às narradas acima.

Sob a ótica de Barreto (2000, p. 43) a manutenção do patrimônio histórico, em sentido amplo, faz parte de um progresso maior ainda, que são a conservação e a recuperação da memória, graças às quais os povos mantêm sua identidade.

O conceito de patrimônio cultural tem se modificado ao longo dos tempos. Para Barreto (2000), o patrimônio cultural acompanha as transformações da conceituação de cultura e de patrimônio de cada localidade. O próprio conceito de cultura é responsável por várias discussões, dada a sua abrangência.

No Brasil, até meados de século XX, apenas obras e edificações de grande expressão nacional eram consideradas patrimônios culturais, ou seja, tudo que fosse produzido pela classe dominante. Segundo Santos (1996), no Brasil, pobres e negros não produziam cultura.

Conforme estabelecido por Rodrigues (2000, p.16), a construção do patrimônio cultural é um ato dependente das concepções que cada época tem a respeito do que, para quem e por que preservar. Essa colocação se deve ao constante processo de transformação pelo qual os homens passam. Não

existe uma verdade absoluta, nem mesmo no campo das ciências, visto que a cada época novos conceitos são construídos, subsidiados por novos métodos e equipamentos tecnológicos mais avançados.

A atual concepção do patrimônio cultural no Brasil deveu-se, entre outros fatores, ao surgimento da Nova História ou *Nouvelle Historie*, que apesar de se estabelecer na década de 1960, na Europa, vinha se desenvolvendo desde 1929.

Com a Nova História, os pesquisadores não consideravam como história apenas os grandes acontecimentos, mas todo o contexto da época em que os fatos aconteciam. Não apenas a história da elite, mas também da comunidade autóctone. No Brasil, a partir da década de 1920, por meio dos modernistas, principalmente de intelectuais como Mário de Andrade, teve início uma nova conscientização sobre o patrimônio cultural, culminando durante o governo de Getúlio Vargas (1930 – 1945) com o surgimento de várias medidas em benefício da preservação do patrimônio cultural. Buscou-se nesse período eleger um estilo arquitetônico que representasse a cultura nacional. Por esse motivo, em 12 de julho de 1933, por meio do Decreto 22.928, o município de Ouro Preto – MG, foi transformado em Monumento Nacional. Em seguida, o Governo Federal criou o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), através do Decreto-Lei n. 25, de 30 de novembro de 1937, visando à preservação do patrimônio histórico e artístico nacional. Infelizmente a definição do patrimônio cultural no Brasil, naquela época restringia-se apenas ao patrimônio arquitetônico, uma vez que a comissão nacional que analisava o que era patrimônio ou não era essencialmente formada por arquitetos. Além disso, conforme Rodrigues (2000), a valorização do patrimônio cultural representava para o poder público uma mercado-

ria cultural, enquanto que para a população, um fator de qualidade de vida. Mas a política preservacionista, mesmo que lentamente, transitou para outros universos. Tanto que podemos chamar de patrimônio, na atualidade, também a partir de Minas Gerais, a arte de badalar os sinos e de fazer queijos.

Foto: Grupo Amigos da Fotografia



# Manifestações folclóricas

Em Ribeirão Preto, as manifestações folclóricas existentes têm suas origens pelo tempo, sem interferências. Vêm da época da colonização da cidade, trazendo fortes traços de outras culturas, mas preservadas ao longo da nossa história, passadas de pais para filhos, sendo mais marcantes as manifestações religiosas, especialmente a devoção aos santos. Ribeirão Preto possui uma agenda significativa de festas religiosas oficializadas pela Secretaria Municipal da Cultura, entre elas estão: Romaria de Nossa Senhora Aparecida, Caminhada do Calvário, Presépio Vivo, e o Encontro Nacional de Folia de Reis.

A Folia de Reis surgiu na Espanha, no início do século XIII, e se estendeu para toda a Península Ibérica. Os portugueses trouxeram-na para o Brasil, onde recebeu aprimoramento, tornando-se o berço desta modalidade da cultura religiosa. Existe “Folia de Reis” ou “Folias de Reis” em quase todo o Brasil, com certas variações, devido à extensão de seu território; no norte é conhecida como Boi Bumbá; no nordeste Bumba Meu Boi; no sul Folia de Reis; nome apropriado; além de Reisado. Embora as músicas e as danças sejam diferentes, o objetivo é sempre o mesmo: cantar, saudando o nascimento de Jesus.

Conhecida também como ‘Reisado’, a Folia de Reis é feita por um grupo

de instrumentistas e cantores, que durante a noite entoam, de porta em porta, versos relativos à visita dos Reis Magos ao menino Jesus e ainda, à Paixão de Cristo. Nas passagens pela residências, são ofertadas varias gentilezas e até alimentos, bebidas, café (...) a todos os participantes. A Folia de Reis é feita no final de dezembro para festejar o Natal e Reis. Mas sua celebração é feita oficialmente na véspera do Dia de Reis, que é em 6 de janeiro. (FESTIVAL 1992, p. 6).

De acordo com Garbosi (1994), uma Folia de Reis é composta de 12 foliões: Embaixador (base); Tala (sexteto); Talinha (sétima); Porta-Bandeira; os Bastião e alguns instrumentistas.

A Bandeira é confeccionada em tecido de boa qualidade, bordada a mão ou pintada a óleo, com as figuras de José, Maria e o Menino Jesus, os Reis Gaspar, Baltazar e o Melchior ; hasteada em haste de madeira, de forma que, quando empunhada, fique à direita da pessoa que a ostenta, enfeitada com fitas coloridas e branca, cor do menino Jesus, símbolo da paz; azul: cor da virgem Maria, símbolo do céu; rosa, cor de São José, símbolo da amor e da paciência; amarelo, cor do ouro, símbolo da realeza; vermelho, cor do fogo e do incenso, símbolo da purificação; verde, cor da mirra, símbolo do sofrimento.

A musica é típica, os versos, tradicionalmente baseados nas escrituras sagradas, falam da anunciação, nascimento e adoração ao recém-nascido. A poesia fica a cargo do Embaixador, responsável pela elaboração dos versos, tradicionais, passados de pais para filhos, através dos tempos. A função do Contramestre é cantar em dueto com o Embaixador, divulgando corretamente as palavras que ele pronuncia; o Contralto canta duetando com o Contramestre, fazendo tenor ao embaixador, é a ponte entre o grave e o agudo. O

Tiple, o Contratiple, o Tala e o Talinha são os fineiros, que fazem o prolongamento da voz obedecendo, por sequência, a escala musical.

Os Bastiões ou Palhaços fazem a parte cômica da Folia; além do conhecimento, precisam ter capacidade ou facilidade de trovar versos.

Cabe ao Embaixador além de cantar e saudar, fazer versos sacros e engraçados, prendendo a atenção dos ouvintes.

Foto - Presépio no interior da Paróquia Santos Reis - Artur Barros





# Companhia de Santos Reis de Ribeirão Preto

Em Ribeirão Preto há duas capelas (Vila Virgínia e Avenida Mogiana) e um altar (Rua Rio Araguaia) dedicados aos Santos Reis e sete Companhias, todas localizadas em bairros periféricos da cidade: Vitória, na Vila Carvalho, Irmãos Rodrigues, na travessa Pompéia, no Alto no Ipiranga, Irmãos Vieira, na Vila Albertina, Irmãos Adolfo, na Vila Virgínia, Estrela da Guia, no Jardim Paiva, União, no Jardim do Trevo e Os Mineiros, no bairro Marincek.

Essas Companhias iniciam suas peregrinações em casas, chácaras e fazendas a partir de novembro e realizam suas festas nos meses de janeiro e fevereiro, servindo almoço ou jantar para a população local e para os devotos de outros lugares da cidade e zona rural.

Essas festas possuem caráter comunitário e são realizadas por doações recolhidas pelas companhias durante as “andanças dos foliões” como: dinheiro, refrigerante, arroz, galinhas, porcos, bois, mesmo na zona urbana.

Em 1992 foi criada em Ribeirão Preto a Lei 6.412, de 17 de Setembro, de autoria do vereador Sebastião Rezende oficializando a Festa de Santos Reis e determinando que a mesma deveria ser realizada no último domingo do mês de Janeiro. No mesmo ano, logo após a oficialização, as Companhias, com apoio da Secretaria da Cultura, através do secretário Divo Marino e do presidente da comissão, Baltazar Aparecido Alves, foi promovido o I Encontro Nacional de Folia de Reis. O evento aconteceu primeiramente na

rua Júlio Mesquita, no bairro de Vila Virgínia e logo após passou a ser realizado na Praça José Rossi, no mesmo bairro.

O Evento recebeu em 2010, segundo a Polícia Militar, aproximadamente vinte mil pessoas.



# Homens e mulheres de fé

Este livro pretende recuperar histórias de vida narradas por seus protagonistas através da oralidade, abordando a Folia de Reis em Ribeirão Preto e os relatos de devoção e fé. Segundo Bérgeon (2006) encontra-se no passado, e se encontrariam até hoje, sociedades humanas que não possuem ciência, nem arte, nem filosofia, mas nunca existiu sociedade sem religião.

Ao abordar as Folias de Reis de Ribeirão Preto, deparamos com a falta de registros em arquivos públicos, revistas, pesquisas, publicações de memorialistas e jornais locais. Por isso optamos pelo método de pesquisa em História Oral, pois através dela permite-se ao pesquisador romper com a historiografia tradicional e como fonte alternativa, consegue-se dar voz aos esquecidos e torná-los sujeitos históricos, através de suas memórias e suas vivências. Segundo Freitas (2006), o entrevistado deve ser considerado, ele próprio, um agente histórico e sua visão acerca de sua própria experiência e dos acontecimentos sociais, dos quais participou, necessitam ser resgatados. Para Freitas, com relação à subjetividade, ela está presente em todas as fontes históricas, sejam: orais, escritas ou visuais. Alberti (2004) releva que sua utilização só se justifica no contexto de uma investigação científica.

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos (...) e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, no significado de sua experiência (...) em primeiro lugar selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram, ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao

tema e que possam formar depoimentos significativos. (ALBERTI, 2004, p. 31-32)

Para Meihy, (2005) a transcrição também é parte integrante da pesquisa oral teatralizando o que foi dito, recriando-se a atmosfera da entrevista, procura-se trazer ao leitor o mundo de sensações provocadas pelo contato, e como é evidente, isso não ocorreria reproduzindo-se o que foi dito palavra por palavra:

(...) o fazer do novo texto permite que se pense a entrevista como algo ficcional e sem constrangimento se aceita esta condição no lugar de uma cientificidade que seria mais postíça (...) Nesse procedimento uma postura se torna vital: a legitimação das entrevistas por parte dos depoentes. (MEIHY, 2005, p.30-31)

A história das Companhias de Reis de Ribeirão Preto confunde-se com a própria história de seus entrevistados. História de homens e mulheres simples, a grande maioria sem escolaridade e quase todos migrantes da “roça” para a zona urbana. Homens e mulheres de fé inabalável, crença e devoção nos Reis Magos.

As entrevistas foram realizadas durante o mês de dezembro de 2010, onde procurou-se captar vivências e as várias dimensões das falas, sejam elas sociais, culturais, religiosas. Segundo Alessandro Portelli, (1997) é a subjetividade do expositor que fornece às fontes orais o elemento precioso que nenhuma fonte possui em medida igual. Para o autor, a História Oral, mais do



Foto - Grupo Amigos da Fotografia

que sobre eventos, fala de significados, nela a aderência ao fato cede passagem à imaginação, ao simbolismo. Segundo Portelli para a realização de pesquisa em História Oral é imprescindível o trabalho de campo.

Nessa pesquisa de campo procuramos ouvir e compreender as narrativas dos entrevistados, que através de seus relatos, vão construindo sua história pessoal e de suas comunidades.

# Companhia Irmãos Rodrigues

## Entrevistado: Luís Domingues Rodrigues

Foto - Artur Barros





Nascido na zona rural em Nova Fátima, no Paraná, o senhor Luís Domingues Rodrigues nos conta que começou muito cedo a acompanhar as folias e que foi motivado pelo tio José Messias, irmão de sua mãe, Dona Maria Natália.

*“Eu nasci dentro de uma companhia, acompanhava meu tio, José Messias. Comecei me vestindo de palhaço. Tinha dia que eu não podia ir pois trabalhava na roça e tinha as colheitas de feijão, arroz. Em tempo de chuva as colheitas apertavam, então a gente não podia ir, mas sábado e domingo era sagrado, eu tava atrás, a pé ou a cavalo eu ia atrás. Meus pais e tios eram de Alfenas (Estado de Minas Gerais), meu pai comprou um sítio no Paraná e fomos para lá. A família também comprou terra lá e os sítios eram tudo emparelhados uns aos outros.”*

No Paraná, segundo Luis, a Companhia era conhecida como Mineiros e as atividades começaram naquele Estado no ano de 1947, data em que aconteceu a mudança da família. Ele conta que nos anos 80, casou-se e deixou o Paraná para morar em Ribeirão Preto, mas todo ano retornava para acompanhar a folia de Reis.

*“Em 1989 meu tio veio com a intenção de cantar em Ribeirão e trouxe a bandeira dentro da mala. Ele me disse que veio para Ribeirão com a intenção de cantar Reis. Ai reuniu os familiares que já moravam aqui e juntamos para cantar. Os instrumentos foram emprestados para a gente poder cantar, fizemos até as mascaras do palhaço”.*

No dia da primeira saída, Luis relata que teve uma grande surpresa:



*“Quando fomos sair, meu tio me disse:*

*- Você não vai vestir de palhaço não! Você vai cantar, vai ficar comigo do meu lado. Eu assustei, pois não sabia nem assobiar, mas obedeci. (...) Eu estava tremendo, cantei com ele em uma casa e depois fomos pra casa do meu irmão. Meu tio disse que não ia cantar mais e que a missão seria passada pra mim.”*

Muito emocionado leva as mãos ao rosto chorando:

*“Eu tinha muita fé em Deus (ainda com olhos vermelhos de lágrimas). Ele me disse: (referindo-se ao tio José Messias) “Não deixa a Companhia parar de jeito nenhum! Porque essa companhia foi meu pai que passou pra mim. Aí eu peguei no outro ano e coloquei o nome de Irmãos Rodrigues, porque quando eu assumi tinha meu irmão, dois filhos e dois sobrinhos. Tudo assinava Rodrigues. Então pensei, vai ficar Rodrigues!”*

A Companhia de Luís, segundo ele, ainda preserva as toadas mineiras, que são totalmente diferentes das paranaenses e paulistas, tanto nas vozes como na melodia. Na sua Companhia ele usa um violino, instrumento, como ele conta, raramente usado nas folias.

Quando perguntado sobre a continuidade da tradição da Folia de Reis ele responde que na cidade grande é muito difícil continuar esta tradição. Já na cidade pequena a tradição vai continuar e na roça também. Isso não vai acabar nunca, finalizou o entrevistado.



Foto - Grupo Amigos da Fotografia

Companhia  
Estrela  
Guia  
Entrevistado:  
Iraci  
Rodrigues  
dos Santos

Iraci é mineiro de Divinópolis-MG. Nasceu em uma fazenda próxima a Belo Horizonte – MG. Depois foi morar na fazenda Cabeceira, no distrito de Ituverava-SP no interior de São Paulo. Passou ainda por Guaiá, também no interior paulista.

*(...) “Nessa época a Companhia se chamava Antonio dos Santos, que era meu pai. Papai herdou do meu avô. Ele era embaixador de Reis, capitão de Congo e dançava Catupé (dança de origem Africana presente em festas de Nossa Senhora do Rosário). Eu comecei com doze anos com meu pai, eu era batedor de bumbo, com treze anos eu tocava cavaquinho, aí comecei a cantar na resposta com meu pai. Com quinze anos eu comecei a embaixar, mandado por meu pai (...) tô até hoje. Já faz uns sessenta e três anos. Em 1993, eu embaixava para a companhia do Seu Domingos, aí eu resolvi montar a minha, a Estrela da Guia. Hoje ela tem treze componentes”.*

Referindo-se às Congadas, que o pai participava

*(...) “O Congo tem época, ele fazia as duas coisas. Acontece em maio (começa a declamar um poema). “Treze de Maio um dia muito bonito. As Congadas se reúnem pra cantar São Benedito.” Quando ele veio para o Estado de São Paulo, não comandou mais a Congada, só os Reis. Meu pai não admitia falar em folia de Reis. Ele falava que folia era carnaval, ele dizia que era Companhia de Reis. (agora se referindo as diferenças entre as Companhias de Minas e São Paulo) (...) aqui o Alferes é o Palhaço pra nós é Bastião. Alferes é o que carrega a bandeira, Palhaço é Bastião, não é Sebastião não!”*

## Sobre a importância de ser embaixador

*“Pra ser embaixador você tem que estudar as profecias, o nascimento, tem que ser ritmista. Se eu chegar em uma casa e tem lá São Sebastião, eu vou chegar e vou cantar”:*

*“Encontrei São Sebastião que era um soldado guerreiro  
Ele foi preso e amarrado em uma árvore de pinheiro  
Com três lanças foi cravado e uma caiu no chão  
Começou o sofrimento, o Martírio de São Sebastião.  
Se tiver na casa uma Santa Aparecida, eu vou encontrar:  
Agora eu vou louvar Nossa Senhora Aparecida  
A santa que foi achada lá no rio Paraíba  
Senhora Aparecida estou cantando em seu louvor  
A santa que foi pescada na rede do pescador”.*

*Além de saber as profecias dos Reis, ele tem que ter cabeça pra fazer essas coisas.*

Iraci conta que se chegar em uma casa e o dono ficar com os braços cruzados, ele vai cantar:

*Boa tarde meu senhor.  
Boa tarde como está?  
Ela veio lhe visitar*

*Boa Tarde meu senhor  
Boa Tarde meu cidadão  
Vou lhe pedir um favor  
Pega minha bandeira na mão*

*“Pra trovar tem que ter um dom divino, honestidade e fé (...) quando eu saio com a bandeira eu digo: Agora sou funcionário dos três Reis, vou trabalhar pra eles. Eu li essas coisas no livro do meu pai ( referindo-se às trovas), isso daí tem mais de cem anos. Eu tenho setenta e oito anos, sou de mil novecentos e trinta e dois, meu pai casou em mil novecentos e dez, ele era lá dos mil oitocentos e pouco. Antes era meu avô José Ernesto do Santos. A Companhia dos Reis veio pelos portugueses, mas foi montada pelos escravos, eu penso assim”.*

Sobre a fé em Santo Reis:

*“Quando eu tinha doze anos eu tive um problema muito sério e minha mãe fez um voto que enquanto eu estivesse vivo eu teria que cantar (...) Meu filho é bandeireiro, mas não aprendeu a tocar nenhum instrumento, eu tenho um neto que vai me seguir ele já canta. Os versos que eu canto ele já canta, isso já é meio caminho andado. (...) Eu já pensei que Santo Reis ia acabar , hoje eu acho que Santo Reis não vai acabar. Tem uma Companhia em Cajuru só de crianças”.*

Ele encerra sua entrevista cantando uma trova de nascimento:

Vinte e quatro de Dezembro  
Meia noite deu sinal  
Lá do céu desceu uma estrela  
Lumiou o mundo geral  
Dizendo nasceu Jesus  
Na noite véspera de natal  
Que o galo crista da serra  
Por ser um pássaro instruído  
Foi ele quem deu à nova  
Que Jesus era nascido  
(...) São José foi buscar luz  
Na casa da mãe Maria  
Quando ele vinha de volta  
O messias era nascido  
Se ele não tinha nascido  
O que de nós, o que seria



Foto - Arquivo da Companhia

# Companhia União

Entrevistado: José Naba

José Naba conta que morava em uma fazenda na região de Cravinhos e começou a acompanhar a Folia de Reis, ainda pequeno.

*(...) “Eu era molecão, né? E tinha muitos colegas que já saíam nas Companhias, aí a gente começou a gostar, começou a sair. A gente andava dez, vinte quilômetros a pé. Víamos muitas promessas serem atendidas e aí a gente foi pondo aquilo na cabeça, no coração que aquilo era bom. Quando casei mudei para a cidade, eu dei uma parada, pois não conhecia ninguém e perdi um pouco o contato com as folias”.*

Relata o folião de Reis que por problemas familiares fez uma promessa para Santo Reis e conseguiu formar uma pequena Companhia com os amigos que moravam em Itamogi-MG.

*(...) Bati caixa uns três anos, isso nos anos setenta, eu tinha três embaixadores um era de Cajuru. Aí os embaixadores me deixaram na mão e eu tive que embaixar. (...) Com a fé em Santos Reis, peguei a frente, sempre fui bem recebido. Tenho mulheres na Companhia, minha mulher leva a bandeira e minha neta bate pandeiro e até hoje a gente faz a peregrinação.*

José Naba relata que em janeiro realiza uma grande festa e que todo mundo é convidado e ainda sobra comida

*(...) Este ano estava meio fracassado, mas minha mulher é quem me dá força e me incentiva a sair. A gente está saindo e fazendo a peregrinação. Corremos o risco de não sair, pois estão acabando os foliões. (...)*



*É difícil pegar o menino pra pôr na cabeça dele pra fazer aquilo (...) Tenho uma neta de dez anos que começou a gostar. Isso vem de Santos Reis. Tenho um menino que toca viola, que é filho de um colega da Companhia. A gente não pode perder essas crianças, pois tem dias que a gente canta de dia e a noite e eles ficam cansados. Mas a fé faz a gente continuar. (...) Tem gente que zomba de Santos Reis, aí na casa deles começa a acontecer coisas (...) a gente tem amigos que na casa deles começou a dar tudo errado. O cara começa a zombar cantar por cantar aí a coisa começa andar pra trás.*

Ele diz que viu muitos milagres acontecerem em suas caminhadas.

*“Tinha uma menina que estava muito doente aí a mãe dela pediu que a folia de Santo Reis tocasse pra ela. O embaixador começou a tocar e logo depois levou a mão na cabeça da menina e rezou uma oração. Pouco depois a menina levantou e segurou na mão dele (com os olhos cheio de lágrimas nos relata) é uma coisa que me emociona muito. Primeiro é levar o pensamento a Deus e depois para Santos Reis.”*

Sobre a sua continuidade na tradição religiosa de Santos Reis ele diz que se entusiasma ano a ano pelo fato de ver na Companhia, jovens e crianças:

*“A minha neta toca castanholas e bate pandeiro. Ela me pergunta: Vó quando a gente vai sair? Fico feliz porque ela está pegando gosto. Isso é de coração, se não tem fé não dá o respeito e a fé é o que manda nas Companhias. Enquanto eu tiver vida eu não paro de jeito nenhum.”*

Ele encerra sua entrevista com uma toada em homenagem ao padroeiro de Ribeirão Preto:

*Ao chegar na sua casa alegrou meu coração  
E agora vou louvar a imagem de São Sebastião.*

Foto - Grupo Amigos da Fotografia





Foto - Artur Barros

Companhia Irmãos Vieira  
Entrevistados: Osvaldo Vieira,  
Benedito Paula Vale e João Oscar Silva.

Segundo Osvaldo Vieira, a Companhia Irmãos Vieira começou no Estado de Minas Gerais e fora do seu bisavô, que passou para o avô. Eles eram de Varginha - MG. Seu pai, Simão Vieira viveu cento e sete anos e morreu na cidade de Ribeirão Preto-SP cantando Reis. A Companhia foi recebida, segundo suas palavras, de um tal Crescêncio, que era embaixador de Companhia. Segundo ele, essa Companhia dos Vieira, vem desde o séc. XIX

*“Tinha três embaixadores na Companhia, que eram meus irmãos. O mais velho José Vieira, morreu com noventa e sete anos (...) faz pouco tempo que ele morreu. Depois veio passando até sobrar o ultimo Vieira. O caçula meu irmão faleceu com sessenta e três anos, estou com oitenta e um e tô aqui. O que eu sei é que essa Companhia tem mais de cento e cinqüenta anos.”*

João Oscar intercede:

*“Minha avó morreu com noventa e sete anos, ela fez a festa oitenta anos e nesses anos é que comecei a embaixar. Viemos de Minas Gerais (...) Você vê! Todo folião que tem um jeito é mineiro. Porque o mineiro se encaixa mais nas Companhias (...) tem muito pouco paulista (...) que é embaixador. Em Ribeirão Preto a maioria é mineiro mesmo. O Vitor (se referindo a Companhia dos mineiros do bairro Marincek), o Adolfo pai do Baltazar é mineiro (o paulista gosta, mas a tradição é do mineiro).”*

Osvaldo Vieira aponta algumas manifestações das Folias de Reis.

*Nós não podemos chegar e cruzar duas bandeiras. A gente fica de um*

*lado e a do senhor (se referindo ao entrevistador) fica do outro. O senhor com seu embaixador canta pra minha bandeira e eu faço a minha obrigação e vou cantar pra sua bandeira também. Por exemplo, eu olho pra bandeira do senhor, eu pego a fita da bandeira e falo:*

*Não sei o que lhe fazer  
Nos festejos deste dia  
Eu chamei os meus discípulos  
E formei essa folia  
Santiago, Santiago  
Eu serei sua Companhia  
Preparou essa bandeira  
Para ser a nossa guia  
São Gonçalo, São Gonçalo  
Vós sereis meu companheiro  
Preparou sua viola  
Para ser meu violeiro  
Viola de doze cordas  
De aranha e de cordão  
Ficou escrito no mundo  
Que és a minha paixão*

*Isso é uma profecia (...) eu faço tudo que é agradecimento pra bandeira do senhor.*

Ainda sobre as manifestações, Osvaldo Vieira esclarece o uso das fitas nos instrumentos e na bandeira.

*“ É tudo para enfeite, cada fita de qualquer cor, o embaixador tira um verso (Oscar interfere) são as cores dos Reis, cada Rei tinha uma cor e nossa bandeira tem nossas cores.”*

Benedito Paula Vale fala sobre a continuidade da Companhia Irmãos Vieira.

*“Eu comecei na Companhia cumprindo uma promessa (...) o seu Osvaldo foi perdendo os irmãos. E hoje nós somos os irmãos dele, levando o nome dele, dos Vieira (...). Eu devo muita obrigação pra ele, ele não tinha nada a ver com minha história e com o que eu tinha pedido pros Santos Reis (...). Começamos fazer o terço para aproveitar a oportunidade que Santo Reis deu pra nós e levar essa fé pra frente, em nome da Companhia de Reis. Usamos o nome dos Vieira, do seu Osvaldo Vieira, porque ele deu pra nós usarmos no nome da Companhia.”*

Em sua residência Benedito construiu um pequeno altar para louvar os Santos Reis.

*“Muitas coisas que têm aqui é da família do Vieira, do pai dele, a Nossa Senhora é de um irmão dele falecido, a viola que esta aqui é de outro irmão dele. Eu tenho a obrigação de respeitar e tocar em frente”.*

Sobre os milagres de Santos Reis, Osvaldo Vieira exclama que ele é o próprio milagre. Ele relata que ficou imobilizado em uma cama durante anos, devido a um acidente de trabalho. Um dia pediu aos Santos Reis que o tirasse da cama vivo ou morto.

*“Fui dormindo e pensei, estou morrendo. Amanheceu o dia, quando foi sete horas eu acordei, tentei levantar e caí, mas uma voz me disse no meu ouvido: Vai devagarzinho, vai devagarzinho! Eu me levantei e fui escorando na parede. Quando cheguei na cozinha minha mulher estava com uma xícara na boca para beber o café e ficou paralisada. Ai eu falei pra ela: Você não precisa ficar com medo de mim, porque eu não sou um espírito! Fazia nove anos que eu não olhava na cozinha da minha casa, só deitado. Eu usei depois disso por quinze anos um colete de aço e nesse tempo fui trabalhar e estou aqui até hoje (esse é ou não é um milagre?”).*

Oscar argumenta que as trovas têm que vir do coração:

*“O cara tem que saber trovar, essas trovas vem do coração e do cérebro também. Se você não souber trovar, como vai trovar? (...) Se você vê uma imagem de Nossa Senhora Aparecida como eu vou trovar:”*

*Oh !Senhora Aparecida  
Com seu manto cor de anil  
Padroeira desta casa  
Padroeira do Brasil  
Dá a benção para nós  
Oh, Santa Varonil*

Quando da pergunta sobre a continuidade desta tradição, Benedito foi enfático: “O que é de Deus nunca acaba”.



# Companhia Os Mineiros

## Entrevistado: Vitor Júlio Ferreira

Foto - Artur Barros





Vitor Júlio Ferreira relatou que os pais eram devotos de Santos Reis e que recebiam as companhias em sua casa. Ele nos conta que o pai cantava reis, mas que não era dono de companhia. Ele começou a seguir a Folia de Reis em São João Batista do Glória, em Minas Gerais.

*“Eu nasci na roça (...), na Fazenda São José, a gente tinha casa no Glória (se referindo a cidade de São João Batista do Glória), na roça a gente plantava de tudo, de arroz a feijão, para a subsistência (...) a gente fazia mutirão, juntava vários amigos. Lá a gente tratava isso de derrubada, a gente fazia tudo cantando. Foi lá que eu comecei a acompanhar o Reis, cantava na requinta que era a ultima voz ai eu passei a cantar tala, que seria uma outra voz, já mais no meio, depois passei a “segunda” ( referindo-se a segunda voz que responde ao capitão ou embaixador ).”*

Sobre sua vinda para Ribeirão Preto:

*“Meus primos vieram trabalhar em Ribeirão, eu vim pra Ribeirão por motivo de saúde e arrumei um emprego em uma madeireira. Isso em mil novecentos e setenta e cinco, e trabalhei lá até dois mil e cinco.”*

Ele conta que em Ribeirão Preto foi convidado para participar de um festival de Reis, e que trouxe alguns foliões de São João Batista do Glória e um capitão que, segundo ele, era um bom cantador, mas no dia do festival sumiu e ele teve que assumir o lugar do dissidente. Sobre a diferença das Companhias mineiras e paulistas ele diz:

*“O ritmo é outro, (...) se você ver uma Companhia em Minas e outra Companhia, é tudo o mesmo ritmo. Em São Paulo é diferente de Minas, mas a tradição é uma só. Todos falando em nome de Santos Reis.”*

Sobre a continuidade da tradição,

*“Eu tenho uma neta que gosta, ela pode até continuar (pensativo) Prá ser sincero com você, ela vai acabar, no mundo de hoje a realidade é outra. Em Ribeirão pararam duas Companhias.”*

A esposa Virlene Martins Ferreira pede um aparte e intercede, com os olhos cheios de lágrimas:

*“A festa de Santos Reis não acaba. Os Santo Reis são muito milagrosos, eu te falo com muita fé que não acaba, porque isso é uma tradição, porque veio do começo do mundo. Há cinco anos atrás ele teve um infarto (se referindo ao marido Vitor) a médica pediu pra reunir a família e disse que ele não ia agüentar, isso há cinco anos atrás. Eu pedi a Santo Reis que não deixasse acontecer nada demais à nossa família, pois aquele momento era muito sagrado para nós. Minha irmã estava preparando uma festa de Reis.”*

A esposa conta que disse à médica que não iria contar para a família que o marido corria risco de vida, pois acreditava que ele seria salvo pelo milagre dos Santos Reis. Segundo ela, no outro dia ele já estava melhor e não corria mais risco.

*“Depois de cinco dias ele saiu da UTI, faltavam dez dias para minha irmã soltar a Companhia. Ele foi um dos que andou os dez dias de casa em casa e ele está aí. Eu acho que foi um milagre e muito grande (ainda muito emocionada com os olhos cheios de lágrimas). É por isso que eu acredito muito em Santos Reis e essa festa não vai acabar pela fé do povo.”*

Vítor encerra a entrevista com um verso de saída:

*Em nome do Pai, Filho  
Do divino Espírito Santo  
Os três Reis do oriente  
Que nos cubram com seu manto.*



Foto - Grupo Amigos da Fotografia

# Companhia Irmãos Adolfo

## Entrevistado: Baltazar Aparecido Alves

Foto - Grupo Amigos da Fotografia



Baltazar Aparecido Alves inicia a entrevista contando que nasceu em Igarapava, no Estado de São Paulo, na divisa do rio Grande com Minas Gerais. Ele relata que o avô acompanhava a Folia de Reis, mas não era o fundador. A Companhia era formada por um grupo de irmãos e se recorda de quase todos: Totonho, Geraldo, Mineiro e Sebastião.

*“Eles vieram de Araxá (referindo-se à cidade mineira) e trouxeram a tradição para a fazenda dos coxos, onde morava todo o pessoal (...). Meu avô ainda jovem começou cantar lá também.”*

Baltazar lembra que quando o pai veio para a cidade trouxe a tradição com ele,

*“Meu avô participava com eles lá por volta de 1910 a 1915, por aí. Esse ano estaremos completando o centenário da Companhia (...) De Igarapava fomos para Miguelópolis morar em uma fazenda, onde conhecemos uma Companhia. O capitão na época era o Tião Melo. (...) Em 1968 mudamos pra Ribeirão e formamos um novo grupo por aqui.”*

Sobre a formação da Companhia, Baltazar relata,

*“Eu tinha cinco anos de idade e gostava de bater bumbo (...) Um dia chegou meu avô com um cavaquinho com aqueles cravos de madeira e me doou esse cavaquinho. Aliás é o que toco até hoje. Eu tinha cinco anos e estou com cinquenta e três, então há quarenta e oito anos participo de Folia de Reis.”*

Baltazar conta que na roça era obrigatório levantar de madrugada para receber as Folias de Reis.

*“A gente aguardava todo ano (...) As tradições da roça são sagradas mesmo. Pode não guardar sete de setembro, feriado nacional, mas eles guardam o dia de São José, Nossa Senhora (...). Guardam essas datas com firmeza.”*

Lembrando as Folia de Reis da época em que chegaram a Ribeirão Preto, Baltazar explica,

*“Quando nós mudamos pra cá, nós só conhecíamos a Companhia do Vermelho, dos Irmãos Vieira e a do seu Gentil (...). Esses já estavam aqui.”*

Segundo ele, naquela época (anos 60, do século XX), não havia nomes de grupos, nem uniforme, havia encontros onde uma companhia desafiava a outra em verdadeiros duelos de trovas. Ele afirma que não gostava daquilo, pois o propósito era pela devoção e fé. “O objetivo dos Reis é unir e não duelar”, diz ele. Segundo Baltazar o pai só se formou embaixador graças à sua mãe.

*“Meu pai (Adolfo Alves) é analfabeto, nunca frequentou escola. Saía pra trabalhar em carro de boi (...) minha mãe sabia ler e foi a pessoa que lia os versos para o meu pai (sorrindo). A minha mãe deu aulas pro meu pai ser Embaixador de Reis. Meu pai é simples, mas tem toda sabedoria religiosa. O embaixador tem que ter sabedoria.”*

Baltazar diz que a mãe, dona Maria de Lourdes sugeriu o nome de Santo Reis para a capela na Vila Virgínia. Segundo ele, na época, não sabiam que havia uma outra capelinha de Reis, na avenida Mogiana. Sobre o início dos Encontros de Reis no bairro Vila Virgínia Baltazar relata:

*“Fizemos dois anos lá na Maria Goreti em cima de um caminhão. Aí o espaço foi ficando pequeno e mudamos para a praça José Rossi (...) Muitos foliões de nossa companhia são pedreiros (...) fizemos a derrubada da fonte (...) e um palco do jeito que é hoje e levamos o festival pra lá. (...) Em 17 de dezembro de 1992 foi assinada uma lei do vereador Sebastião Rezende. Aqui (se referindo a praça José Rossi, onde acontecem os encontros de Folia de Reis), acho que foi em 1996, apareceu muita gente e nós não estávamos preparados. Hoje vem companhias de Santa Catarina, Uberaba e até do Rio de Janeiro.”*

Diante de tantas histórias e lembranças de seu envolvimento com a tradição mantida e passada pelo seu pai Adolfo Alves, indagamos sobre a fé nos Reis Magos,

*“Meu pai fala dos Santos Reis como se fossem amigos dele (...). A tradição de Santos Reis tem algumas coisas que são do folclore, não está escrito, nem é bíblico. Meu pai fala daquilo como se fosse real. Ele tem muita fé! (...) Eu tenho ficado satisfeito de ver muitos jovens participando (...) tem grupos mirins tocando e tem grupos que estão modernizando demais, mas acabar o Santos Reis, não acaba não!”*





Foto - Artur Barros

# Companhia Vitória

## Entrevistado: Aparecido de Souza



Aparecido de Souza nasceu em Jardinópolis e mudou-se para Ribeirão Preto nos anos cinquenta. Ele afirma que só teve contato com Folia de Reis aos 12 anos de idade, na rua Barretos, no bairro Vila Carvalho.

*“Aqui era tudo cerradão, não tinha nada. Minha casa era de pau-a-pique de barro. Isso era em 1950. Era feita com a madeira do próprio local aqui. Era feita com cipó e amarrada, colocava o barro e depois o sapé. A gente buscava sapé onde é hoje o aeroporto (...) era tudo cerrado. Nessa época comecei a seguir a companhia do Joaquim Roxo; tinha o finado Mario Lemes e o Sebastião Carijo. O Vermelho é antigo também, era daquela época.”*

Ele diz que a companhia que começou na Folia de Reis era conhecida com o nome de Orlando Mesquita. Depois foi colocado o nome de Vitória, devido à Rádio Vitória.

*“Com 12 anos eu só acompanhava por devoção. Eu comecei a embaixar Reis eu tinha vinte e poucos anos. Eu comecei a cantar na Vila Virgínia meio por acaso (...) Fui cantar em uma chácara, eu tremia (...) fizemos a chegada, fiz toda louvação que tinha que fazer. Quando acabei a mulher me disse (referindo-se à dona da casa): “Cê canta muito bem!”, e eu respondi: “Que nada, é a primeira casa que eu canto” (abrindo um sorriso).”*

Aparecido conta que o filho aprendeu a cantar com a ajuda dele. O neto de dezoito anos também aprendeu a cantar. Segundo ele, os participantes são quase todos da família:

*“Eu canto e meu filho responde: dia vinte e quatro de dezembro, todo*

*campo floresceu. Aí ele responde: para o dia vinte e cinco que Jesus Cristo nasceu (...) Aí a gente faz a fuga para o Egito (...) os três reis magos (...) o nascimento. É muito bonito”.*

Aparecido construiu uma capela de Santo Reis no quintal de sua casa, ao lado de uma funilaria,

*”A gente morava num mocózinho aqui de madeira. Em 78 eu comecei a construir a casa e fiz a capela (...). Era na época uma capelinha de madeira. Agora ela fica aberta o dia inteiro para as pessoas fazerem suas orações, acender uma vela.”*

Questionado sobre a continuidade da tradição de Santos Reis, ele lamenta:

*“Hoje já não é mais a mesma coisa.(...) Há vinte anos atrás você encontrava na rua três ou quatro Folias de Reis cantando. Hoje você não encontra mais!”*

Aparecido encerra a entrevista com uma toada escolhida por ele:

*“Os três Reis iam passando, mas na sua rua parou. Ele vem de porta em porta visitá o morador (...). Meu senhor dono da casa abra a porta e venha ver. Os três reis do Oriente pro senhor a receber.”*



Foto - arquivo pessoal de Marlene Oliveira da Silva

# Antonio Paulo Oliveira da Silva - o Vermelho - Uma lenda



Fotos - Artur Barros



Maria Aparecida Oliveira  
Sobrinha do Vermelho

Marlene Oliveira da Silva  
Filha do Vermelho

Maria Aparecida Oliveira relata que a devoção pelos Santos Reis veio de berço e que começou tocando caixa com 18 anos e acabou aprendendo a cantar. O meu marido também cantava. O avô dele era capitão de congo. Orgulha-se de ser de família de reiseiros. O filho é palhaço de Folia de Reis. Sobre o tio Antonio Paulo, o “Vermelho” ela nos conta que ele ganhou o apelido quando ainda era pequeno, nas peladas de futebol, no Jardim Paulista. Segundo ela, se perguntassem pelo “seu Antonio” ninguém conhecia. Só por Vermelho.

*“Desde pequeno ele chorava para acompanhar a Folia de Reis.(...) Ele pegava um cabo de vassoura e dizia que era a violinha dele. Ele queria cantar. Foi crescendo assim. (...) Quando chegou em Ribeirão ele abafou mesmo. De primeiro você virava a noite. Agora só canta até as dez da noite, devido à violência, a gente pede um pouso para a bandeira. No outro dia sai dali e vai para outro lugar.”*

Sobre a festa na Praça Rômulo Morandi que participava ao lado do tio, ela relata que era promovida por uma rádio e que na época era criança. A primeira vez que fizeram lá foi em 1970, e ela tinha uns 13 anos, depois foi para o Teatro de Arena. Dali, Aparecida guarda boas recordações:

*“Meu tio comprou uns panos bonitos, brilhava, ele mandou fazer uma farda azul e branca. Na época era concurso “Quando ele entrou todo mundo gritava. Vermelho você vai ganhar”. Ele era bom, ele criava, vinha tudo da idéia dele. Muitas toadas era ele que criava. Chamava companhia do Vermelho. Ele que ganhou o concurso lá do Arena, daí pra frente ele veio pegando mais fama.”*

Sobre a Praça José Rossi lá na Vila Virgínia, ela também guarda boas lembranças. Em 1993 foi feita em cima de um caminhão na Maria Goreti, depois foi para a Praça José Rossi.

*“Quando o meu tio (referindo-se ao Vermelho) estava no caixão eu disse para ele (emocionada) – Você está indo embora, lá pra cima, mas enquanto eu estiver bem de saúde eu termino aqui embaixo. (...) Naquela época, a gente era criancinha correndo atrás de Reis, hoje você não vê mais isso. Mas acredito que isso não acaba não! A voz era muito boa e todo mundo entendia o que ele cantava, ele tinha uma paradinha. Quantas companhias gravavam e pelevavam para fazer igual e não conseguiam.”*

Começa a cantar uma toada do tio:

*“Ah os meus três Reis do oriente. Ah os meus três Reis aqui chegou. Ai ele dava uma parada e a companhia gritava lá de trás. “A toada mineira é a mais bonita que tem”.*

Sobre a festa que o tio realizava todos os anos na rua Aliados, Aparecida relata que o tio Antonio Paulo – Vermelho, era festeiro.

*“A festa dele amanhecia o dia na rua Aliados, ali ele rezava o terço e depois era só alegria. Ai ele dizia na linguagem dele: “Aí o pau caiu a foia”. O negão era famoso e conquistava todo mundo. E onde ele cantava você podia olhar na cara das pessoas que elas estavam chorando. Em Ribeirão foi a melhor companhia, muitas companhias tinham medo dele e não tinham coragem de cruzar com ele, (...) tinham*

*muito medo mesmo (...) Tinha um cara que morava lá no bairro Ipiranga, naquele tempo chamava de Campo Aberto; ele quis desafiar meu tio, e eles se encontraram na Marquês de Pombal com a Aliados, aí, esse cara começou a desafiar a companhia do meu tio. Ele cantou e colocou o cara de joelho durante uma hora e meia, embaixo de um sol quente. Ele fugiu em uma carroça que passava por ali e ninguém mais viu o sujeito. O Vermelho era muito bom e muito respeitado.”*

Em seu relato Marlene Oliveira da Silva conta que o pai nasceu em 1935, na cidade de Santo Antonio da Alegria, era de uma família ligada às tradições africanas como as Congadas, São Gonçalo e Reisado. Aos vinte e um anos de idade tornou-se Embaixador de Reis e só parou de cantar em 1998, devido a um câncer na garganta. Segundo Marlene, o pai Antonio Paulo da Silva, o Vermelho, morreu em 9 de junho de 2006.

*“Eu acompanhava meu pai nas casas até certo horário porque, antigamente era proibido menor ficar até tarde (...). A gente levava bandeira e eu levava a cesta para receber as prendas. Aqui em Ribeirão a maioria cantava toada Paulista e meu pai cantava muito a toada mineira, veio de geração para geração (...) veio do meu finado avô pai dele, da minha vó, minha mãe, a minha tia, o meu tio (...) a família inteira acompanhava meu pai (...) o Vermelho era muito querido aqui em Ribeirão (...). Era difícil cantar Reis como meu pai cantava. Antigamente era assim (...). Se uma companhia encontrava com a outra, não podia cruzar, porque se não um tinha que cantar a noite inteirinha, até tirar a bandeira da outra. Então era só o Vermelho aqui em Ribeirão que sabia fazer isso (...) o povo tinha medo dele (...) Quando falava que a Companhia do Vermelho tava na rua Aliados eles passavam pela*

*Silveira Martins ( ... ) A outra companhia tinha que saber trovar a noite inteira para poder conseguir tirar a bandeira de outro. Sempre meu pai tirava a bandeira.”*

Sobre o diferencial do pai em se apresentar e cantar nas festas de Reis:

*“Tinha umas toadas mineiras que ele mesmo fazia inclusive tem uma toada que eu nunca vi ninguém fazer. Começa a cantar: Santa, Santa Maria, orai, ora-pro-nobis... Com Jesus Santa Maria, orai, ora-pro-nobis ( ... ). Depois ele ia louvando todos os Santos: Menino Jesus, São José, Santo Antonio e nossa Senhora da Aparecida e todos os Santos que tivessem dentro da casa da família ele louvava. Ele cantava muito a toada:*

*Vinte e cinco de Dezembro  
Quando o galo deu sinal.  
Ai nasceu o menino de Deus  
Nessa hora de Natal.*

Marlene descreve que o pai tinha uma voz muito boa, mas teve câncer na garganta, maxilar e língua. Não podendo mais cantar, acabou entregando a bandeira.

*(...) A devoção dele era muito grande com os três reis santos, os médicos deram seis meses de vida e meu pai viveu mais oito anos. (...) mesmo depois que teve câncer ele ainda tocava. Só não podia cantar porque a voz ficou rouca.*

A filha comenta que o pai era muito festeiro e quando terminava os três Reis



Santos, para ele já começava o carnaval. E preocupa-se muito com a falta de interesse dos mais jovens pela tradição de Reis.

*”O Vermelho começou com os Meninos e Meninas lá de Casa, (referindo-se a uma antiga Escola de Samba de Ribeirão do bairro Vila Virgínia, liderada por Geraldo Janúario) passou pela Aliados, mas ele era Bambista (referindo-se a Escola de Samba os Bambas do Bairro Campos Elíseos) Ele era Bamba roxo, que era do finado Zé Geraldo. As pessoas ficaram um pouco distantes (...) o próprio folclore afastou as famílias. Vem gente de fora cantar em Ribeirão. Antigamente tinha a companhia do meu pai, do Joaquim Roxo, Mario Leme, Eduardo Leite. Éramos as companhias mais temidas e respeitadas de Ribeirão e muito famosas.”*

Sobre os primeiros encontros de Folia de Reis que aconteceram em Ribeirão Preto, na Praça Rômulo Morandi, no bairro Campos Elíseos, Marlene diz que se recorda de alguns detalhes daquele evento. Ela relata que várias companhias se apresentaram no local e a festa era organizada pelo falecido locutor da rádio 79 chamado Barroso. Segundo ela, o radialista levava todo ano as companhias para se apresentarem na rádio 79, e os convidava para o evento na praça Rômulo Morandi. Isto nos anos 70. Dá praça o evento foi para o Teatro de Arena. Ela se recorda que as apresentações também aconteceram durante vários anos em frente ao Theatro Pedro II, em cima de um caminhão. Depois, segundo ela, foi para a Vila Virgínia. Sobre o pai ela nos expõe que ele era adorado por todos, tanto pelas Companhias de Reis como pelas pessoas ligadas ao carnaval.

*“Meu pai não tinha malquerença com ninguém. Ele tratava todo*

*mundo bem. Ele era muito cativante. Hoje as pessoas não cantam como antigamente. Na companhia dele não faltava o alferes (referindo-se ao palhaço da companhia) ele louvava todinho o altar. Ele não sabia chegar, cantar e sair, ele louvava a família inteirinha.*

Sobre as festas promovidas pelo pai nos festejos de Santos Reis, Marlene conta que duravam dois dias. Segundo ela, essas festas eram promovidas na rua Aliados. Marlene gostaria que essa tradição pudesse ser resgatada novamente. Sobre a morte do pai Antonio Paulo, o Vermelho, conclui:

*“O Vermelho não tinha dia do ano para cantar os Três Reis, era só convidar que o Vermelho ia cumprir qualquer promessa. Ele tinha uma fé inabalável, ninguém cantava como ele. O Vermelho foi uma lenda!”*



Fotos - Grupo Amigos da Fotografia

## Para terminar

Os relatos não ficaram isentos de manifestações emocionadas. Os envolvidos com o Reisado são motivados à participação por devoção e fé. São as crenças que reúnem cada um dos integrantes das Companhias, que ao visitar casas de conhecidos e de estranhos, levam consigo a certeza de que os Reis Santos deles podem ser os santos de todos que os quiserem. Acreditam em superação, mas resultantes de rezas e de fé. Pedem pela preservação da cultura certos de que, no que depender deles, todos os anos terá visita de Companhias de Reis com cantoria, brincadeira de palhaços, Bandeira do Divino, reza e milagre.

Foto - Grupo Amigos da Fotografia





Foto - Grupo Amigos da Fotografia

## Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. Manual de Historia Oral. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 2004

ANDRADE, José Vicente de. Turismo: fundamentos e dimensões. São Paulo: Atica, 2002

BARRETTO, Margarita. Turismo e Legado Cultural: as possibilidades do planejamento. Campinas: Papyrus, 2000

BERGSON, Henri. Memória e Vida: Textos Escolhidos. São Paulo: Martins Fontes, 2006

BOSI, Alfredo. Cultura Brasileira: temas e situações. São Paulo:Atica, 2004

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: UNESP, 2001

FREITAS, Sonia M. de. História Oral. Possibilidades e Procedimentos. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006

GARBOSI, F. Mensagens e Embaixadas de Flia de Reis. Londrina: Bird, 1994

HOLANDA, Sérgio Buarque . Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987

LAGES, José Antonio Corrêa. Ribeirão Preto: da Figueira à Barra do Retiro – o povoamento da região pelos entrantes mineiros na primeira metade do século XIX. Ribeirão Preto: VGA Editora e Gráfica, 1996.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas:Unicamp, 1990

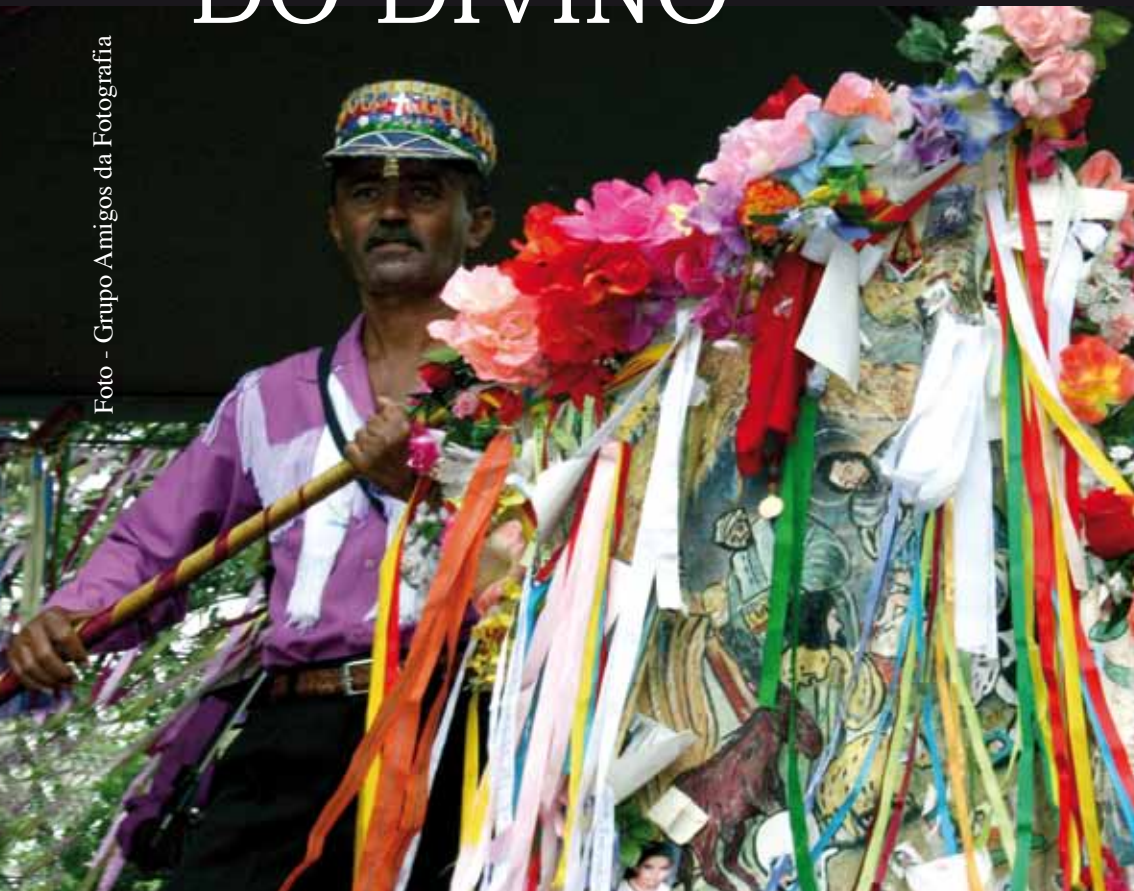
MEIHY, J. C. S. B. Manual de História Oral. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005

PINTO, Luciana Suarez Galvão. Ribeirão Preto: A dinâmica da economia cafeeira de 1870 a 1930. Dissertação (Mestrado em História Econômica). Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2000.



# A BANDEIRA DO DIVINO

Foto - Grupo Amigos da Fotografia







# Coleção Identidades Culturais

ISBN 978-85-62852-09-1



Apoio



Realização

Secretaria da  
CULTURA

